

## **A Cidade**

**17/5/1984**

### **O MOTIM DE GUARIBA**

#### **JOÃO CAETANO DE MENEZES**

Sinal dos tempos. Os últimos acontecimentos da vizinha e pacata Guariba, se não chamam a atenção dos governos, podem chamar a atenção do povo, sobretudo daqueles mais avisados, mais vigilantes, que melhor veria observando, de microscópio e telescópio, a macabra marcha dos acontecimentos. Será que aqueles movimentos terão o condão de despertar os governos? Diz-se que o pior cego é o que não quer ver e o pior surdo é o que não quer ouvir. Estariam os políticos e responsáveis pelo ordenamento jurídico do país, sentindo os fenômenos sociais, como uma revolta? Ou, adormecidos nas suas mordomias, não sentem o clamor popular? Olvidam que o ódio, a vingança, a revolta estão latentes no coração do sofrido povo brasileiro? E que, de um momento para outro, encontrando clima próprio, podem aquelas sementes germinarem, com o nascimento do joio? A hora brasileira — *mutatis mutandis* — assemelha-se à hora que precedeu a Revolução Francesa, de 14 de julho de 1.789. Narra, em síntese, o escritor Henry Thomas: "Finalmente, numa noite de outubro, quando o rei se banqueteava com seus nobres e seus generais, uma multidão estacionou debaixo das janelas do palácio de Versalhes e começou a chamar, pedindo pão. Imediatamente, a bela, porém pouco inteligente rainha, observou, com um sorriso sem graça: "Se eles não podem ter pão, que comam bolos"... Essa rainha — Maria Antonieta, preocupada com si própria, olvidava tudo, ignorando as necessidades urgentes do seu povo. Tanto é verdade a revelação de sua ignorância que, ouvindo o povo pedir pão, observou: se eles não podem ter pão, que comam bolos". Isso mostrou a sua apatia e a sua revelada ignorância nos negócios do reino. Como comer bolos, se, sendo o pão mais barato, poderá o povo substituí-lo por bolo? Luiz XV profetizava a revolução, tanto que dizia, no esplendor do seu palácio nos excessos: "depois de mim, o dilúvio". E veio mesmo o dilúvio, apenas que não o dilúvio de água, mas de fogo, com a revolução, que se chamou Revolução Francesa que, pela sua profundidade, pelas mutações que promoveu no cenário do mundo, marcou época na história dos povos. Parece que grande parte dos responsáveis pela administração do país não está ouvindo o grito do povo, sentindo as suas-misérias. Estão como aqueles boêmios, anestesiados pelas empolgantes noites dos cabarés, esquecem o seu trágico amanhecer! Sim, a grande noite festiva dos potentados, agindo como estão, frios e indiferentes, donos do poder político e económico, como gigantes pantagruélicos, devorando tudo, também tem o seu amanhecer. Iperioso que se faça, preliminarmente, uma análise profunda sobre os últimos eventos sociais, revelados em motins, para se conhecer a doença da nação brasileira. Estão ocorrendo infecções, aquilo que a Medicina chama de foco de infecção, em vários pontos do país. Antes mesmo todo o organismo da nação brasileira, imperioso que se prescreva o medicamento específico. Diz-se que se bate na cangalha para o burro ouvir. E esses eventos como os de Guariba, são batidas na cangalha para os dirigentes omissos ouvirem que estamos chegando em um momento perigoso. Fala-se que o povo brasileiro é pacato, não se revolta porque a revolução bélica não é de sua índole. Realmente. A formação cristã do nosso povo é uma grande barreira a movimentos físicos e estúpidos, porque o grau de resignação do nosso povo suporta febre alta. Sem duvida. Ocorre que todos os homens tem um estopim, que, como rastilho da espoleta, leva o fogo à bomba. O estopim do brasileiro é muito grande. Entretanto, ele vem sendo paulatinamente queimado, tornando-se mais curto, de forma que a situação periclita. Por que não agir com brevidade e antecedência, num processo de profilaxia? Não seria melhor, para evitarmos motins generalizados? Evidente. Não há homem, por mais frio e freugmático que seja, que um dia não conteste algo. O seu estopim é longo, mas é inflamável, como os outros. Aquilo que muitos povos não toleram, num dia, o brasileiro tolera no curso de anos a fio, sem se queixar. Mas o tempo passa e os sinais de revolta já estão presentes. Para que uma

revolução bélica, a exemplo do que ocorreu na França, se podemos, dentro do tempo e do espaço, solucionar nossos problemas com uma legislação equânime? Prevenir é melhor que remediar Mas o poder público não pode cruzar os braços e olhar com indiferença esses eventos. Precisa reagir, acordar, atalhar os males pela raiz. A questão fundamental toda está no desequilíbrio das riquezas: de um lado, o esplendor, de outro lado, a miséria. E o meio termo é a solução. A ferrugem, quando dá nas instalações de uma máquina e mais para chamar a atenção do dono do que mesmo para destruir o objeto. São avisos, são formas de acordar os que dormem o sono eterno da indiferença. Tudo poderá ocorrer, se se não acudir a tempo. A nação esta leucêmica, isto é sofrendo de leucemia. Necessita transfusões contínuas de sangue. Está pobre, exaurida nas suas forças. Mas ainda há tempo, se o poder público quiser, para impedir o alastramento da infecção. O que não pode é a constante permanência deste estado de coisas, quando há passageiros e alguns tripulantes gritando que a embarcação vai soçobrar. O exemplo de fenômenos idênticos em outros países está presente. A revolução bélica é a pior de todas. Mas o esforço para contê-la e extingui-la, é muito maior que o esforço para evitá-la.

**(3ª página)**